
**As Mulheres nas Partes Técnicas do Cinema:
uma análise dos últimos sete anos do Oscar**

**Women in the Technical Parts of Filmmaking:
a last seven Oscars analysis**

Milena Bento⁵³
Kátia Zanvettor⁵⁴

RESUMO

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma investigação em andamento sobre a falta de mulheres nas partes técnicas do cinema. Essa questão foi analisada a partir de pesquisas bibliográfica, documental e com uma análise dos sete últimos anos da premiação do Oscar, levando em consideração as categorias técnicas e quantas mulheres foram indicadas/venceram.

PALAVRAS-CHAVE: mulher, cinema, feminismo, gênero.

ABSTRACT

This article presents part of the results of an ongoing investigation on the lack of women in the technical parts of cinema. This question was analyzed based on bibliographic, documentary research and an analysis of the last seven years of the Oscars, taking into account the technical categories and how many women were nominated / won.

KEYWORDS: woman, filmmaking, feminism, gender.

INTRODUÇÃO

Na cerimônia do Oscar do ano de 2018, ao encerrar seu discurso, a vencedora de melhor atriz, Frances McDormand, disse “Eu tenho duas palavras para vocês: *Inclusion Rider*”, o que deixou muitos que assistiam ao evento confusos, até mesmo profissionais da área, por não saberem o que essas palavras significavam.

⁵³ Estudante do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), e-mail: milenabento22@yahoo.com.br

⁵⁴ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), e-mail: katia.zanvettor@gmail.com

Inclusion Rider é uma cláusula que atores e membros da equipe podem pedir para ser adicionada aos seus contratos. Ela exige que tanto o elenco quanto a equipe técnica tenham um certo nível de diversidade. Esse conceito apareceu pela primeira vez em 2016, durante um TED Talk de Stacy Smith, fundadora da Escola de Comunicação e Jornalismo da Universidade do Sul da Califórnia (USC); ela examinou os dados de diversidade em produções americanas e chegou a uma conclusão: elas não refletiam a demografia da vida real.

Os talentos da lista “A” podem fazer pedidos aos seus contratos, particularmente os que trabalham nos maiores filmes de Hollywood. E se esses talentos adicionassem uma cláusula de igualdade ou uma ação de inclusão nos seus contratos? O que isso significaria? Um filme típico tem entre 40 e 45 personagens com falas. Eu diria que somente oito ou dez dessas personagens são realmente relevantes para a estória. Os demais 30 ou mais papéis, não há motivos para que esses papéis menores não possam igualar ou refletir a demografia do local em que a obra se passa. Uma ação de inclusão no contrato de um talento “A” poderia estipular que esses papéis reflitam o mundo no qual realmente vivemos (SMITH, 2016).

Quando se estuda sobre a história do cinema, fica de conhecimento que Thomas Edison e os irmãos Lumière foram os primeiros a registrar imagens em movimento e que George Méliès foi o preliminar na arte de fazer filmes (COUSINS, 2013). Porém, Alice Guy Blaché (uma pioneira no cinema francês, comumente reverenciada como a primeira cineasta e roteirista de filmes ficcionais, vista como uma visionária no uso do cronofone de Gaumont), já comandava um set nessa época e ainda falava sobre feminismo nas telonas (ZASSO, 2018). Sua primeira produção foi “*La Fée aux choux*” em 1896 e ao longo de sua carreira ela fez mais de mil filmes. Ela utilizava elenco inter-racial, efeitos especiais, cor e som sincronizados com imagens (ZASSO, 2018).

Outro exemplo é o documentário “E a mulher criou Hollywood” dirigido por duas irmãs francesas, Clara e Julia Kuperberg, no qual vemos que até o ano de 1925 metade dos filmes eram dirigidos por mulheres e elas estavam presentes em várias partes da produção (roteiro, direção, edição), porém, quando o cinema virou um negócio lucrativo, as documentaristas dizem que as mulheres foram deixadas de lado e os homens tomaram esses

cargos que agora eram considerados “trabalhos de verdade”. O déficit de mulheres nesta indústria é significativo, com cerca de 8% dos blockbusters e 20% dos filmes independentes sendo dirigidos por elas. (E A MULHER..., 2016).

O *Geena Davis Institute on Gender in Media*, fundado pela atriz Geena Davis em 2004, é a primeira e única organização baseada em pesquisa que trabalha na indústria de mídia e entretenimento. O objetivo do instituto é engajar, educar e influenciar a pessoas sobre a importância de eliminar o preconceito inconsciente, promovendo a igualdade de gêneros e a quebra de estereótipos. Segundo pesquisas desse instituto, quando uma mulher dirige um filme, há um aumento de 6,8% no número de papéis femininos na trama; o que reforça a importância da diversidade de gênero nos cargos chave de uma produção audiovisual (GENDER..., 2015). Na mesma pesquisa, observou-se que apenas 21% dos cineastas são do sexo feminino enquanto os homens predominam com 79% de presença. Na divisão de posições cabeças, temos somente 7% de mulheres na direção, 20% como roteiristas e 23% como produtoras (GENDER..., 2015).

Observando o cenário atual, no ano de 2017, foram lançados 463 filmes dos Estados Unidos nos cinemas e só no Brasil foram 160 longas-metragens com mais de 17 milhões de espectadores (ANCINE, 2018). O cinema é uma arte presente na vida de grande parte da população mundial e suas bases de construção narrativa tem grande influência no imaginário coletivo. Então, se a imagem da mulher nos filmes é estereotipada e baseada em critérios preestabelecidos, essa ideologia só se reforça.

“O fato é que as mulheres estão seriamente sub-representadas em quase todos os setores do globo, não apenas na tela, mas na maioria das vezes simplesmente não estamos cientes da extensão, e as imagens da mídia exercem uma poderosa influência na criação e perpetuação de nossos preconceitos inconscientes. No entanto, as imagens da mídia também podem ter um impacto muito positivo em nossas percepções. No tempo que leva para fazer um filme, podemos mudar a aparência do futuro [...] colocando multidões de mulheres em ciência, política, direito e outras profissões nas personagens de filmes” (FEMALE..., 2017, tradução nossa).

Para fazer frente à essa questão, procura-se, inicialmente, verificar a realidade de sub-representatividade e, posteriormente, entender as razões que fazem as mulheres não estarem

nas partes técnicas (cargos do “por trás das câmeras” da equipe de um filme) de uma produção, principalmente em cargos de liderança. Parte-se da análise do contexto social e do feminismo no decorrer dos anos, a realidade do cinema no começo da sua história para então analisar os dados dos últimos sete anos do Oscar - cerimônia de premiação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas fundada em Los Angeles em 1927 - e dados atuais. Por mais que as premiações em geral não possam ser consideradas como um reflexo total do cenário da sétima arte, pois a composição dos votantes faz a diferença nas escolhas dos indicados; foi escolhido analisar os últimos anos do Oscar por ele ser um evento que atinge o mundo todo e muitas pessoas até fora da área do cinema, portanto ele ajuda, de certa forma, a moldar esse pensamento coletivo a respeito de questões como a de gênero.

1. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho foi, inicialmente, de três tipos. A bibliográfica que se dá pelo ato de consultar livros e manuais que podem informar mais sobre o assunto estudado (FONSECA, 2002), que nesse caso foi a consulta principalmente de publicações nos temas referentes à questão de gênero no mundo cinematográfico, história do cinema e do feminismo.

A investigação documental, que é muitas vezes confundida com a bibliográfica, e se dá pelo ato de consultar fontes mais diversificadas. Utiliza-se de sites, matérias de jornais online, documentários e vídeos palestras do TED Talks (FONSECA, 2002). A análise documental é ao mesmo tempo técnica, porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma pesquisa, e método, porque é um recurso complementar às outras formas de recolher dados. Nesse caso, ela foi quantitativa, mas pode também ser qualitativa dependendo da necessidade de sua investigação (EPSTEIN, 2012). Dentro dessa forma de pesquisa também foi consultado materiais sobre a temática, cinema e gênero.

Como o estudo partiu da menção da *Inclusion Rider* na cerimônia do Oscar e é centrado na equipe técnica de um filme, partimos para um terceira etapa da pesquisa, uma etapa analítica quali quantitativa em que foram analisados, a partir do website da própria academia do Oscar, o número de mulheres presentes nas seguintes categorias, que nesse

trabalho consideramos como as referentes às partes técnicas, mas não englobam todas as categorias da premiação em si: melhor direção, melhor design de produção, melhor fotografia, melhor roteiro adaptado, melhor roteiro original, melhor figurino, melhor canção, melhor edição, melhor mixagem de som, melhor edição de som, melhor trilha sonora, melhores efeitos visuais. O levantamento foi recortado nos anos de 2014 a 2020 para que se tivesse um número suficiente de anos a serem comparados e podermos também perceber possíveis diferenças quantitativas antes e depois dos movimentos de gênero dentro do cinema que ocorreram após as denúncias de assédio cometidos por Harvey Weinstein, lá pelo ano de 2018. Devemos levar em consideração que uma premiação não representa toda a realidade do cinema, pois há outros fatores envolvidos, mas ela pode gerar dados interessantes para discussão. “As pesquisas analíticas envolvem o estudo e avaliação aprofundados de informações disponíveis na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno” (THOMAS, 1996).

2. MULHERES, DESIGUALDADE E CINEMA

Segundo Holanda (2017), o pensamento de subordinação feminina vem desde o tempo dos gregos e o discurso teológico reforça isso. A Carta Magna da Inglaterra de 1215 trouxe o começo do conceito de direitos humanos, mas ainda assim por muito tempo os direitos se restringiram às pessoas do sexo masculino. A primeira onda do feminismo surgiu baseada no lema da Revolução Francesa - igualdade, liberdade, fraternidade - e a população feminina pedia por direito ao voto e salários iguais; que é a fase conhecida como sufragista e tomou o mundo na segunda metade do século XIX (ARAÚJO, 2015). Já a segunda onda contestou a feminilidade e a submissão e ela foi muito influenciada pela publicação de “O Segundo sexo” de Simone de Beauvoir em 1949. A terceira onda aborda a questão do gênero e os diversos tipos de feminismo (HOLANDA, 2017) e há algumas pesquisas que apontam que vivemos atualmente a quarta onda ou a primavera feminista, impulsionada pelas redes sociais e pela nova realidade social marcada pela complexidade nas redes (GOULART; ZANVETTOR, 2019).

Ou seja, as mulheres vêm lutando há muito tempo, muita coisa foi conquistada, mas ainda não temos uma sociedade realmente igualitária e isso se reflete em todas as áreas sendo uma delas o cinema, abordado neste trabalho.

Em 1895 os irmãos Lumière, Auguste e Louis, apresentavam sua grande invenção no Salon Indien no sudoeste da França: o cinematógrafo. Porém, a grande apresentação dessa invenção ocorreu no Grand Café, em Paris, com uma programação de 10 filmes, iniciando por *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon* (A Saída da Fábrica Lumière em Lyon). Thomas Edison já tinha inventado o cinetoscópio anteriormente, porém existia a limitação de só uma pessoa poder ver as imagens projetadas no interior de uma caixa por vez. Enquanto o cinematógrafo projetava para várias pessoas ao mesmo tempo, no estilo de cinema que conhecemos hoje.

Os irmãos Louis e Auguste Lumière talvez não tivessem consciência de que estavam criando um meio de expressão importante. Chegaram a dizer que 'o cinema é uma invenção sem futuro'. Porém, ainda no fim do século passado, o cinema começava a engatinhar como arte pelas mãos do francês Georges Méliès, um ilusionista que percebeu a potencialidade da câmera de filmar (ARAUJO, 1995, p. 10)

Segundo Araujo (1995), o cinema encontrou sua definição com os Lumière, mas sua vocação com George Méliès já que ele deu à essa arte uma nova dimensão. Porém, o que poucos levam em consideração, é que Alice Guy estava fazendo filmes na mesma época que Méliès. "The French-born Guy-Blanché wasn't just the world's first female filmmaker; she helped midwife the birth of cinema itself"⁵⁵ (WEITZMAN, 2019), muitos historiadores acreditam o filme *The Cabbage Fairy* de 1896 de Alice foi o primeiro filme de ficção da história. Ela trabalhou como roteirista, diretora, produtora, diretora de fotografia, designer de cenário, diretora de elenco, atriz. Fez filmes de diversos gêneros e ainda fundou uma das primeiras produtoras da América, a Solax Studios (WEITZMAN, 2019).

O filme *A Fool and His Money*, de Alice Guy Blaché em 1912, foi o primeiro filme com o elenco todo composto de atores negros. Ela também fez um filme com protagonista

⁵⁵ "Guy-Blaché, nascida na França, não foi apenas a primeira cineasta mulher do mundo; ela ajudou no nascimento do próprio cinema" (WEITZMAN, 2019, tradução nossa).

judeu, A Man's a Man e sempre quebrava "regras" da sociedade, incluindo diversidade nos seus filmes (WEITZMAN, 2019).

O marido de Alice tomou sua produtora para ele e mudou o nome para Blaché Features, mesmo que ela fosse sócia e cabeça dos negócios, ele que ficou conhecido e teve várias portas abertas após a produtora falir. Enquanto que Alice teve que voltar para França com os filhos e depois disso nunca mais fez filmes (WEITZMAN, 2019).

Logo, a presença das mulheres nas áreas mais técnicas do cinema existe desde o começo dessa arte, porém, seus nomes foram sendo sucessivamente apagados da história para darem lugares aos homens. No Brasil não é diferente, tivemos grandes nomes de cineastas mulheres que foram esquecidos.

No primeiro capítulo do livro "Feminino é plural: mulheres no cinema brasileiro", Luciana Corrêa de Araújo faz um mapeamento das primeiras mulheres cineastas do Brasil, ainda na época do cinema mudo. Além de vários nomes, o mais presente é da Cléo de Verberena, que inclusive dá nome ao capítulo "Cléo de Verberena e o trabalho da mulher no cinema silencioso". Cléo é o pseudônimo de Jacyra Martins de Oliveira e foi a primeira e única diretora reconhecida na época, seu primeiro filme foi "O Mistério do Dominó Preto" em 1930 no qual também produziu e atuou. A maioria dos registros mostram ela como atriz ou em fotos de estúdio, sendo esquecida pelo seu trabalho como cineasta (HOLANDA; TEDESCO, 2017, p. 11).

3. AS PREMIAÇÕES: ANÁLISE DOS ÚLTIMOS SETE ANOS DE OSCAR

A premiação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos, o Oscar, possui atualmente 24 categorias e recortamos como categorias técnicas neste trabalho as seguintes: melhor direção, melhor direção de arte, melhor fotografia, melhor roteiro adaptado, melhor roteiro original, melhor figurino, melhor canção original, melhor edição/montagem, melhor mixagem de som, melhor edição de som, melhor trilha sonora, melhor maquiagem/penteados e melhores efeitos visuais.

A partir do website da própria academia do Oscar, fizemos uma tabela somente com as categorias a serem analisadas com seus respectivos indicados de cada ano. Então, contamos

manualmente quantas mulheres estavam presentes em cada uma dessas categorias de cada ano, bem como o total de indicados para que pudéssemos comparar e tirar uma porcentagem.

No conjunto das categorias técnicas de sete anos do Oscar, é possível perceber que dentre 799 indicados ao prêmio nessas categorias, 133 eram do sexo feminino, o que representa cerca de 16,6% do universo delimitado. Observa-se, porém, um aumento nos últimos anos com 2018 contando com 20 mulheres indicadas; 2019, com 26; 2020, com 22; enquanto que em 2014 e 2015, esse total foi de 16 em cada ano e 2017 foi o pior de todos com 14 mulheres indicadas.

Se observarmos, contudo, o conjunto dos dados de modo mais detalhado podemos observar quais foram de fato as categorias técnicas e a quantidade de indicações femininas nos últimos 7 anos.

Tabela 1. Número de mulheres indicadas, nas categorias técnicas, nos últimos 7 anos de Oscar.

Melhor Direção						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
0	0	0	0	1	0	0
Melhor Direção de Arte						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
7	6	3	5	5	5	4
Melhor Fotografia						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
0	0	0	0	1	0	0
Melhor Roteiro Adaptado						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
1	0	1	1	1	1	1
Melhor Roteiro Original						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
1	0	2	0	2	1	1
Melhor Figurino						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
2	4	4	5	3	5	4
Melhor Canção Original						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
2	2	2	0	4	4	3
Melhor Edição/Montagem						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
0	1	3	1	1	0	1
Melhor Mixagem de Som						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
0	0	0	0	1	2	0
Melhor Edição de Som						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
0	1	0	0	0	3	1
Melhor Trilha Sonora						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
0	0	0	1	0	0	1
Melhor Maquiagem/Penteados						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
3	2	4	1	1	5	6
Melhores Efeitos Visuais						
2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
0	0	1	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020) com base em <http://www.oscars.org/oscars/>.

Em melhor direção e melhor fotografia percebe-se que houve uma mulher indicada em cada uma dessas categorias, ambas no ano de 2018. Em melhor roteiro adaptado tivemos uma

indicada nos anos de 2014, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020, e nenhuma no ano de 2015. Também em melhor roteiro original não tivemos nenhuma indicação feminina em 2015 e nem em 2017, tendo uma indicada em 2014, 2019 e 2020, duas em 2016 e 2018. Em melhor canção original só não tivemos indicações de mulheres em 2017 e em melhor edição/montagem as indicações aparecem em 2014 e 2019. Já em melhor mixagem de som tivemos indicadas em 2018 e 2019; e melhor edição de som, em 2015, 2019 e 2020. Em melhor trilha sonora que tivemos uma indicada em 2017 e uma em 2020 e em melhores efeitos visuais, uma em 2016.

A partir dos dados pudemos observar que a quantidade de indicadas em categorias consideradas “femininas” é maior, como exemplo temos: direção de arte, figurino, maquiagem/penteados.

Em melhor direção de arte tivemos 35 mulheres indicadas nesses sete anos, com uma quantidade considerável em cada um dos anos. Em melhor figurino houveram 27 indicadas no total durante esses anos, sendo que somente em 2018 o vencedor da categoria não foi uma mulher (ACADEMY). E em melhor maquiagem/penteados somente em 2017 não tivemos uma mulher entre os vencedores com um total de 22 mulheres indicadas nos sete anos.

Em 90 anos de história da premiação do Oscar, apenas cinco cineastas foram indicadas na categoria de melhor direção e somente uma delas (Kathryn Bigelow) realmente levou a estatueta, no ano de 2008, 79 anos depois da primeira cerimônia e até agora, após mais de 10 anos, não tivemos outra vencedora. Na Tabela 2 podemos ver a listagem das diretoras já indicadas à premiação, os filmes que renderam esse apontamento e o ano que isso ocorreu.

Tabela 2 – Mulheres indicadas à categoria de melhor direção no Oscar

Diretora	Filme	Ano
Luina Wertmuller	Pasqualino Sete Belezas	1975
Jane Champion	O Piano	1993
Sofia Coppola	Encontros e Desencontros	2003
Kathryn Bigelow	Guerra ao Terror	2008
Greta Gerwing	Lady Bird: É Hora de Voar	2018

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020) com base em <http://www.oscars.org/oscars/>.

Na direção de fotografia os números são ainda piores. Somente em 2018 uma mulher foi indicada: Rachel Morrison pelo filme “Mudbound: Lágrimas sobre o Mississippi”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apontam que há um crescimento, ainda que pequeno, para indicações de mulheres nas categorias técnicas do cinema nos últimos sete anos do Oscar. Parece, porém, pelos estudos bibliográficos e pela análise dos dados que há uma relação intrínseca entre ampliação de atuação de mulheres na parte técnica e a ampliação de representatividade feminina. Pois, quando uma mulher dirige um filme, há um aumento de 6,8% no número de papéis femininos na trama (GENDER..., 2015). Mais mulheres atrás das câmeras em papéis-chave na produção é uma solução, segundo Smith (2016).

Assim, o uso da *Inclusion Rider* parece ser um recurso fundamental para estimular o aumento de representatividade das mulheres na parte técnica do cinema e, por consequência, em todos os espaços do mundo cinematográfico.

Filmes podem nos transportar, mas também pode nos transformar (SMITH, 2016). Se desde pequenos tivermos o exemplo de mulheres no cinema e em toda a mídia mostrando que elas podem ser muito mais do que personagens sexualizadas sem fala, o inconsciente coletivo pode evoluir em conjunto.

REFERÊNCIAS

ACADEMY, The Oscars. **Experience Over Eight Decades of the Oscars from 1927 to 2018**. OSCARS. Disponível em <http://www.oscars.org/oscars/ceremonies>. Acesso em: 04 Jun. 2018.

ANCINE. **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro da ANCINE apresenta recorde de lançamentos de filmes nacionais em 2017**. Agência Nacional de Cinema Brasileiro. 2018. Disponível em <https://www.ancine.gov.br/pt-br/salainpress/noticias/anu-rio-estat-stico-do-cinema-brasileiro-da-ancine-apresentarecorde-de-lan>. Acesso em: 30 ago. 2019.

ARAUJO, Inácio. **Cinema: O Mundo em Movimento**. Editora Scipione, 1995.

ARAUJO, Marcella Grecco. **Representações do feminino no cinema brasileiro de ficção: Mar de rosas, um céu de estrelas e trabalhar cansa.** 2015. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

COUSINS, Mark. **História do cinema: dos clássicos mudos ao cinema moderno.** Editora Martins Fontes. São Paulo, 2013.

E A MULHER criou Hollywood. Direção: Clara Kuperberg e Julia Kuperberg. França, 2016.

EPSTEIN, Isaac. Procedimentos qualitativos e procedimentos quantitativos. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

FEMALE characters in film and TV motivate women to be more ambitious, more successful, and have even given them the courage to break out of abusive relationships. **Institute Geena Davis,** 2017. Disponível em <https://seejane.org/gender-in-media-news-release/female-characters-film-tv-motivate-women-ambitious-successful-even-given-courage-break-abusive-relationships-release/>.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GENDER Bias Without Borders. **Institute Geena Davis,** 2015. Disponível em <https://seejane.org/symposiums-on-gender-in-media/gender-bias-withoutborders/>.

HOLANDA, Karla. Da história das mulheres ao cinema brasileiro de autoria feminina. **Revista Famecos,** Porto Alegre, v. 24, n. 1, jan./abril 2017.

HOLANDA, Karla; TEDESCO, Marina Cavalcanti. **Feminino e plural: Mulheres no cinema brasileiro.** Campinas, SP: Papyrus Editora, 2017.

KUHN, Annette. **Cinema de mulheres: feminismo e cinema.** Madri: Cédra Signo e Imagem, 1991.

MURARO, Cauê. Brasileiras do cinema dizem que Oscar 2018 foi ‘obrigado’ a dar espaço ao talento das mulheres. 2018. **G1.** Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2018/noticia/brasileiras-do-cinema-dizem-que-oscar-2018-foi-obrigado-a-dar-espaco-ao-talento-dasmulheres.ghtml>. Acesso em: 11 de jun. 2018.

GOULART, Giovanna Vivian; ZANVETTOR, Kátia. O impacto de postagens no twitter para o ressurgimento do feminismo. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 13, 2019. **Anais [...].** São José dos Campos: Univap, 2019.

SMITH, Stacy. **The Data Behind Hollywood Sexism.** 2016. Disponível em https://www.ted.com/talks/stacy_smith_the_data_behind_hollywood_s_sexism#/t-927815.

SMITH, Stacy; CHOUETI, Marc; PIEPER, Dr. Katherine; YAO, Kevin; CASE, Ariana; CHOI, Angel. **Inequality in 1200 Popular Films: Examining Portrayals of Gender, Race/Ethnicity, LGBTQ & Disability from 2007 to 2018.** September, 2019.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Research methods in physical activity**. Champaign: Human Kinetics. 1996.

WEITZMAN, Elizabeth. **Renegade Women in Film & TV. TED Ideas worth spreading**. Clarkson Potter/Publishers, New York, 2019.

ZASSO, Bianca. **Papo delas: a pioneira Alice Guy Blaché. Papo de Cinema**, 2018. Disponível em <https://www.papodecinema.com.br/colunas/papo-delas-pioneira-alice-guyblache/>.